

**AS TRILHAS LINGUÍSTICAS DOS POVOS DA FLORESTA: EXPRESSÕES,
ANÁLISE E SIGNIFICADO*****THE LANGUAGE TRAILS OF THE FOREST PEOPLE: EXPRESSIONS,
ANALYSIS AND MEANING******LOS SENDEROS LENGUAJES DE LOS PUEBLOS FORESTALES:
EXPRESIONES, ANÁLISIS Y SIGNIFICADO***

Antônia Diniz

Valdirene Nascimento da Silva Oliveira

Francisco Raimundo Alves Neto

César Gomes de Freitas

RESUMO

Este estudo aborda sobre o Regionalismo linguístico com ênfase no linguajar rural dos povos da floresta numa perspectiva colaborativa. E tem por objetivo investigar: como ocorre a interação verbal no âmbito do regionalismo à luz do linguajar rural, visando elaborar um glossário com expressões linguísticas dos povos da floresta. A metodologia utilizada trata-se do método da pesquisa social. Os procedimentos da pesquisa foram efetivados por meio de uma narrativa do gênero caso e de entrevistas. Resultados alcançados: construímos um glossário com (75) expressões linguísticas selecionadas dentre uma infinidade de outras. Compreender a realidade vivenciada por pessoas que compartilham a vida em comunidade, valendo-se da sustentabilidade ambiental. Realizamos uma discussão teórico-prática nos cerne da “língua”, linguagem e variação linguística. Com isto, tencionamos ampliar as discussões voltadas para a superação da dualidade das línguas, (Norma popular x Norma culta; “certo” e “errado”).

Palavras chave: Língua. Linguagem verbal. Linguajar rural.

ABSTRACT

This study addresses linguistic Regionalism with an emphasis on the rural language of forest peoples in a collaborative perspective. And it aims to investigate: how verbal interaction occurs in the scope of regionalism in the light of rural language, aiming to develop a glossary with linguistic expressions of the peoples of the forest. The methodology used is the method of social research. The research procedures were carried out through a narrative of the genus case and interviews. Results achieved: we built a glossary with (75) linguistic expressions selected from an infinity of others. Understand the reality experienced by people who share life in community, using environmental sustainability. We held a theoretical-practical discussion at the heart of

“language”, language and linguistic variation. With this, we intend to expand the discussions aimed at overcoming the duality of languages, (Norma popular vs. Norma culta; “right” and “wrong”).

Keywords: Language. Verbal language. Rural language.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo investigar como ocorre a interação verbal no âmbito do regionalismo à luz do linguajar rural, visando analisar e descrever com ênfase na semantização, expressões linguísticas que fazem parte e caracterizam o léxico local dos povos da floresta do vale do rio Yaco - município de Sena Madureira Estado do Acre. Ancorou-se nas contribuições teóricas sobre a temática em questão, considerando que a língua é dinâmica e que as expressões linguísticas devem ser preservadas, tendo em vista que a língua está em constantes mudanças e recriações por parte de seus usuários.

Com este estudo buscamos contribuir no campo da Sociolinguística, ainda que modestamente, objetivando manter a língua viva, no que se refere o dialeto nortista rural do vale do rio Yaco, Comunidade Campo Osório, pois há muitas expressões linguísticas específicas daquela região, mas poucos são os registros. A partir de pesquisas assim, procura-se ampliar o universo sociolinguístico regional que tende a estimular leitores e pesquisadores a conhecer novas dimensões nas manifestações das linguagens construídas e usual na coletividade social.

Na comunidade Campo Osório identificou-se um campo de possibilidades interacionais, pois tais expressões entremeiam por diversas áreas laborais, ampliando a inter-relação comunicacional dos sujeitos envolvidos.

O principal motivo da escolha deste público-alvo rural, deu-se pelo fato de que seus trabalhadores desenvolvem diversas atividades, tais como: a caça, a pesca, a colheita da castanha, a compra e venda dos produtos, o transporte e a distribuição de mercadorias, a agricultura e atividades culturais. Neste contexto rural existem todas estas áreas de trabalho, porém não existem categorias de trabalhadores (caçadores, pescadores, agricultores, etc.), ao contrário, todos atuam nas diversas áreas laborais e na maioria das vezes tais atividades são

realizadas coletivamente por homens e mulheres, isto de certa forma estreita as relações linguísticas entre estes indivíduos

Em se tratando dos dialetos rurais, é notória a presença de expressões linguísticas típicas de cada um. Por essa razão, propomo-nos observar, analisar descrever e produzir um glossário com expressões linguísticas daquela região. É importante destacar que não tencionamos esgotar os inúmeros recursos linguísticos da referida localidade, mas uma análise com ênfase na realidade dos mesmos, através de entrevistas com moradores natos na faixa etária entre dezoito (18) e setenta e quatro (74) anos e de uma narrativa realizada por um morador em 2016.

Outro fator a ser focado são as relações de sentido existentes nos vocábulos, pois uma mesma expressão pode ser utilizada com significados diversos dependendo do contexto: laboral, social, etc. A magnitude da linguagem permite construções linguísticas ricas em informações, que torna viável uma comunicação perfeita entre pessoas que comungam de tais construções.

Uma das autoras deste manuscrito corrobora com sua experiência no processo interpretativo, pois essas expressões linguísticas fazem parte de sua história considerando que a mesma nasceu em um seringal que atualmente faz parte da comunidade Campo Osório, o qual é palco desta pesquisa, e residiu lá até seus 20 anos de idade (1979-2000). Ressalta que a experiência de vida que teve ali lhe proporcionou compreender muitos destes vocábulos nas suas complexidades, mesmo porque ainda faz uso de muitos deles.

Durante este tempo, aprendeu a admirar a riqueza da linguagem vendo aquela gente, a maioria analfabeta, cultivar e recriar tantos falares e termos linguísticos que ajudam compor o léxico dos povos da floresta daquela região, fato que a impulsionou a cursar uma graduação em Letras Vernáculos (2006-2010).

É pela beleza da Língua, é pelo encanto da Linguagem, é pela magnitude da Linguística, que propomo-nos a contribuir, ainda que de modo singelo, com a preservação linguística histórica, cultural e social consoante ao regionalismo visando a superação da dualidade entre a Norma popular e a Norma culta das línguas.

Esta pesquisa será de grande relevância para os estudos sobre o dialeto acreano, especialmente no campo do regionalismo rural do Estado do Acre, pois terá como objeto de estudo as expressões linguísticas de uma das regiões deste. Devido à ocupação populacional acreana ter sido basicamente por nordestinos, temos muitas contribuições na formação da sociedade acreana por parte do povo do nordeste, inclusive linguística.

O estudo em tela, foi organizado em tópicos: Contribuições teóricas, análise, glossário descrito no contexto semântico das expressões linguísticas

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa foi guiada à luz do método dedutivo e da análise de conteúdo, conforme Silva (2015). Também nos embasamos na abordagem da pesquisa social, Richardson *et al* (2009) explica que a pesquisa social permite ao pesquisador analisar determinado fenômeno sob a ótica da realidade.

Os procedimentos da pesquisa fundam-se na revisão bibliográfica, em dados empíricos na forma de consulta (entrevistas) por telefone gravadas, dia 16 / 11 /2020 com três (3) moradores da comunidade Campo Osório no Vale do rio Yaco, Zona rural do Município de Sena Madureira /Acre. A amostragem decorre de um universo de aproximadamente noventa (90) pessoas, registre-se que o público pesquisado tem entre dezoito (18) e oitenta e cinco (85) anos. Tencionamos com isto, mesclar expressões linguísticas antigas e atuais e perceber as principais relações entre elas.

Essa interação só foi possível porque uma das autoras deste artigo morou na referida comunidade por 20 anos e ainda mantém boas relações com os moradores de lá e por essa razão aproveitamos o período de votação eleitoral (2020) para lhes pedir tal colaboração fazendo o reconhecimento das expressões linguísticas apresentadas no caso narrado e colaborando com outras expressões linguísticas que são parte de suas interações sociais.

Os entrevistados tem entre dezoito (18) e setenta e quatro (74) anos de idade. Ao fazer o reconhecimento das expressões linguísticas narradas, puderam contribuir sobre seus aspectos históricos e identitário que constitui a cultura linguística local, tanto ao longo de décadas, quanto na atualidade.

Enfatizamos que todos os participantes da pesquisa assinaram o termo de consentimento livre esclarecido enviados via Whatsapp e remetidos digitalizados via e-mail

3 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Neste estudo ancoramo-nos em autores que fundamentam os aspectos teóricos e empíricos objetivando ampliar as discussões no campo científico nos cernes da língua, linguagem e sóciolinguística. O gráfico a seguir demonstra os principais elementos norteadores do estudo em tela.



O trecho abaixo reflete a necessidade de analisar, descrever e registrar fenômenos linguísticos levando em conta seus aspectos: históricos culturais geográficos, sociais econômicos e semânticos.

Uma enunciação concreta (e não abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social entre os participantes da enunciação. Sua forma e significado são determinados basicamente pela forma e caráter desta interação. Quando nós cortamos o enunciado do solo real que o nutre, nós perdemos a chave tanto de sua forma quanto de seu conteúdo - tudo que nos resta é um invólucro linguístico abstrato ou um esquema semântico igualmente abstrato (a banal "ideia da obra", com a qual lidaram os primeiros teóricos e historiadores da literatura) - duas abstrações que são inconciliáveis entre si porque não há base concreta para sua síntese viva. (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997, p. 122-123).

Percebe-se a inter-relação dos elementos que compõem as condições interacionais dos sujeitos falantes do mesmo idioma, porém de modo heterogêneo, enfocando o espaço, o tempo, a cultura e as relações sociais como cultivantes da preservação verbal construída a partir de vivências sociais, bem como de recriações, ressignificações linguísticas realizadas no “solo que as nutrem”.

A Sociolinguística é o ramo da Linguística que estuda as relações sociais entre língua e sociedade, fazendo emergir a necessidade de trazer os sujeitos para dentro da estrutura que antes parecia dissociada da realidade social. Daí surge “portais” como a polifonia e o dialogismo que dão lugar para outros significados, além de suscitar o senso de alteridade no sentido do respeito as outras formas de viver, comunicar-se etc (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 1997)

Saussure (2001) apresenta aos estudos das línguas, uma nova estruturação, fez emergir a Linguística como Ciência que estuda a linguagem, destaca um olhar amplo em relação à diacronia linguística na qual considera sua evolução no passar do tempo, analisa que nem uma língua é imóvel e que estão submetidas a mudanças mais ou menos consideráveis a cada período.

Na visão Saussuriana a língua é dicotômica o qual a classifica em Langue e Parole. A Langue é um sistema abstrato estruturado existente no cérebro humano focado no objeto da coletividade, manifestado por meio da Parole é centralizada no indivíduo, dinâmica, mutável continuamente. Desloca-se, adequa-se, recria-se, ressignifica-se etc. Uma faculdade humana que talvez exprima em si, o sentido da existência dos seres humanos a língua é a mais perfeita obra inacabada. A gênese da comunicação e manifesta-se multifacetada. Para ele a língua não se limita a sistemas estáticos elaborados distantes da realidade do local de fala dos indivíduos que a constituem e que é neles e por eles que a língua se concretiza.

No entendimento de Fiorin, a linguagem verbal é, então, a matéria do pensamento e o veículo da comunicação social. O autor explica que a linguagem não serve apenas para apreender a realidade, e compartilhamentos de experiências, mas também para exprimir todas as maneiras de sentimentos e ir além da realidade adentrando-se nas abstrações. Bem como, como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação”. Assim, os

sujeitos cognoscentes, estabelecem condições comunicativas utilizando-se da capacidade criativa para alcançarem um conforto linguístico natural (FIORIN, 2012 p. 11).

Tomando por base as definições de língua, linguagem e sociolinguística supramencionadas, as expressões linguísticas regionais como recursos linguísticos que complementam os diversos falares brasileiros, não são apenas termos soltos, mas sim, carregados de significados arte e cultura que são comuns entre os povos que os utilizam. Fiorin (2012) corrobora com Saussure, ao focar o movimento constante, pluridimensional e multidirecional da linguagem verbal que converge com o conceito de língua como elemento essencialmente social, visto que ambos apontam a dinamicidade das línguas, pois a língua e a linguagem estão intimamente ligadas, ambas exercem genuinamente interação social.

De acordo com Martelotta (2008), o termo “linguagem”, difere-se de “língua”, porque o primeiro, apresenta-se polissêmico, compreende quaisquer formas de comunicação entre os seres vivos, no caso dos seres humanos, é tido pelos linguistas como uma habilidade, ou seja, a capacidade de se comunicar por meio de línguas. Destarte, a “língua” é o “fio” que conecta a interação humana por meio da linguagem. Trata-se de um sistema de signos vocais articulados e complexos utilizado por grupo social ou comunidade linguística.

A Língua é por excelência, instrumento de veiculação da comunicação social, a qual integra todos os eixos da sociedade: econômico, político, cultural, meio ambiente, educação, saúde, ciência, tecnologia etc. Ela apresenta-se em diversos aspectos: históricos, culturais sociais [...]. (ARAÚJO; PEREIRA; VIANA, 2020).

Seguimos na esteira idiomática trazendo contribuições acerca da língua Portuguesa sobre as normas culta e popular com base em Araújo, Pereira e Viana (2020). As autoras recorrem a linguistas renomados como Faraco, Luckesi e Bagno na tentativa de focar a as normas da Língua definidas como Norma culta e Norma popular, além de salientar que cada língua nasce, constituem-se e se desenvolve historicamente E que este processo não acontece de forma isolada, mas se sustenta na disseminação do idioma a nível nacional e

internacional, além do engajamento do Estado em eleger e a língua oficial dos respectivos países (ARAÚJO; PEREIRA; VIANA, 2020).

Para elas, na perspectiva de linguistas como Faraco e Bagno, a aceção de Norma Popular engloba a língua na sua plenitude abarcando toda estrutura linguística sem elegibilidades sobre o que se deve ou não, “dizer”, qual é a forma “boa”, “bela”, “valorizada” e “adequada, busca compreender as línguas na sua totalidade tal como são e não como deveriam ser. Valoriza todas as formas de manifestações linguísticas, seja, morfológica, sintática, fonética, fonológica, léxico-semântica e discursiva. Assim, decorre todas as possibilidades sociointeracionistas, variação e mutabilidade permanecendo diacrónica “possuindo e sendo possuída pelo solo que a nutre” (as pessoas) como cita Bakhtin e Voloshinov (1999, p. 122-123)

Ressaltam a língua na sua capacidade dinâmica interacional entre os seres humanos e tal posicionamento, vai de encontro a visão de Saussure (2001) e Fiorin (2012), visto que apontam a diacronia linguística num processo ininterrupto variável, heterogêneo e criativo.

Já a aceção de Norma culta, caracteriza-se por se tratar de normatização que delinea regras prescritas restringindo seus usuários a limitar-se a tal preconização sistemática instituída, o que inviabiliza sua efetiva adoção, pois este regramento distancia-se da realidade e “mergulha” num invólucro que tende a silenciar os outros saberes e falares linguísticos, desconstrói a valoração das interações verbais socialmente construídas desde os primórdios da humanidade, classificando-os no campo “obscuro do errado” pois, ancora-se na concepção da única forma de se alcançar o “certo”.

Diversas discussões teóricas demonstram que a Norma culta é socialmente mais valorizada, assim como no âmbito das relações político-econômicas. Apesar da Norma culta priorizar os sujeitos cultos bem sucedidos economicamente, também atende àqueles com menor grau de escolarização.

Araújo, Pereira e Viana (2020) também enfatizam que a Língua Portuguesa do mesmo modo que as demais, constituiu-se geográfica e historicamente, derivada do latim Vulgar com origem em Portugal e estendeu-se por diversos países, dentre eles o Brasil que foi colonizado pelos portugueses por mais de três séculos herdando o idioma Português como oficial do Brasil.

Que na condição de colônia escravocrata os colonizadores europeus recrutaram escravos africanos e os indígenas já habitavam as terras brasileiras, com isto, ocorreu o processo de miscigenação fazendo emergir o fenômeno de aculturação e com ela outros falares que ganharam status de Regionalismo Linguístico.

Ante o objetivo do estudo em tela, buscamos apontar aspectos do Regionalismo trazendo uma de suas definições, conforme Siaron (2020), regionalismo é um grupo de particularidades de uma determinada região que se manifesta: na linguística, política ou na literatura.

A referida a autora, aponta que o Brasil possui vários Regionalismos os quais tem por base os dialetos como mecanismos de efetivação de suas manifestações linguísticas.

Na esteira da Sociolinguística, muitas literaturas fazem menção ao preconceito linguístico, destacam que este tipo de preconceito não recebe atenção como os casos de racismo, e outros tipos de discriminação. Sousa e Lima (2019 p.6), definem Preconceito Linguístico: “o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e conseqüentemente humilhante da fala do outro ou da própria fala”.

Elas defendem que o combate a situações recorrentes desta natureza necessita acontecer principalmente nas escolas porque são espaços multiculturais, propícios a pôr em prática pedagogias que suscitem reflexões no sentido da autoconscientização das pessoas visando esclarecer a importância das diversas manifestações linguísticas para a construção da vida em sociedade. Enfatizando que todas são relevantes, e atendem às necessidades interacionais na sua totalidade conforme o contexto social.

O Regionalismo é marcado pelas suas especificidades, mas o preconceito linguístico é notadamente um dos entraves na luta pela valorização da Norma Popular, a qual objetiva a não sobreposição da Norma culta, todavia busca reconhecimento no qual ambas se complementem e não, caminhem num campo de disputa que de certa forma reduz a magnitude da linguagem verbal quando se busca mantê-la sob o poderio atribuído político, econômico e cultural à Norma culta da língua.

Frente ao propósito deste estudo recorreremos também às contribuições de Moraes (2016), que tem enfoque na “acrianidade” (invenção e reinvenção identidade acreana) apresentamos recortes históricos, geográficos e linguísticos do Estado do Acre, situado no sudoeste da região Norte do Brasil fazendo fronteira com Bolívia e Peru. O Acre só foi integrado ao território brasileiro no início do século XX. O Acre é o único território que guerreou para pertencer ao Brasil (MORAIS, 2016).

No tocante a ocupação demográfica do Acre, não podemos deixar de destacar os indígenas que já habitavam em terras acreanas. Com a chegada dos nordestinos, houve uma hibridação social, logo, surgiram necessidades de adaptações culturais, especialmente linguísticas. Desse modo, os povos indígenas também contribuíram de forma significativa no âmbito linguístico regional, visto que a migração nordestina decorrente da seca de 1877 para a região amazônica nos tempos áureos da Borracha “ouro negro” de (1879-1912), alcançou o estado do Acre, além de migrantes de outras regiões (sulistas, paulistas, etc.) Resultando na caracterização de sua população.

Os seringueiros habitaram os seringais acreanos onde “fincaram suas raízes” culturais, ressignificaram seu dialeto, sobreviveram ao desconhecido nas trilhas das estradas de seringas, e nos Varadouros que têm por finalidade integrar as colocações rurais à margem do rio (sede dos seringais). Mesmo com o declínio da borracha, muitos daqueles moradores não saíram de suas localidades formaram famílias etc, seguindo com a extração da borracha mesmo com a significativa desvalorização econômica.

Na década de 80 surgiu o movimento sobre a preservação da floresta encabeçado pelo seringueiro, sindicalista e ambientalista Chico Mendes, reconhecido internacionalmente, suas reivindicações resultaram em diversas medidas de proteção ambiental como a criação de reservas extrativistas, cooperativas e comunidades rurais.

Moraes também enfatiza que os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) **a partir dos anos 2000 a 2018**, *grifo nosso*, muito contribuíram para uma redefinição do modelo econômico, cultural e linguístico, criaram um discurso público voltado para a população que reside no campo, com vieses emancipatórios, ou seja, o denominado Governo da Florestania, estimulava a

autoprodução familiar, na qual os moradores são independentes: podem ser seringueiros, criadores de gado, agricultores por conta própria portanto, administradores de seus trabalhos e economias.

A comunidade Campo Osório, universo pesquisado, nasceu a partir desta mobilização social pautada na sustentabilidade ambiental, temática bastante explorada nas últimas décadas. Parafraseando Bakhtin e Voloshinov (1997), assim, as sociedades mudam, os costumes sociais renovam-se a língua formula e é formulada incessantemente.

O linguajar acreano, descende das multiculturas decorrentes da formação populacional do Acre. Ranzi (2017), aborda sobre o Acreanês oficializado pela lei estadual 2.148/2016, o autor descreve uma variedade de expressões linguísticas comuns ao povo do referido Estado, contudo, ainda há uma infinidade de expressões do acreanês a ser analisadas e por conseguinte, tematizadas.

4 CAUSO DA FESTA ATRAPAIADA

Para tornar o tema mais claro, destacamos na íntegra uma narrativa feita por Damásio Silva um humorista de mão cheia e veterano da comunidade Campo Osório, em janeiro de 2016 gravada e autorizada. A respeito de uma briga que ocorreu numa festa local. Teve uma plateia risonha de aproximadamente 30 pessoas.

Gente! O cheba do Oco do mundo tava virado no cróis! Feito o Ziza partiu encima do outro: Só vi foi o druba e abri no mundo, lá em baixo tava só o guelelé me atolei todo. o doido não abriu foi com nojo! Cobriu ele no tapa e começou a tribusana. entrei num mufumbo e fiquei ditráis do buji. Aí iscutei quando o dono da casa disse: in meu fie respeite minha casa senão meto brasa! Comigo é no chumbo ou na viana Pensei... danou-se agora se acaba tudo em beju de caco Dircie o barranco do rie e fiquei ligado no bagulho, o furebes não passava um cabelo. O véi aberturo e sujigou os caras e botou pra baixo gritano sou marchó! Viu! Seus embuanciros, bando de panemas brigano por muié, onde já se viu! Eu só tinha levado um terno e bota, que eu sotinha uma! Chamei o jiboia: só não se aprocheja, tô pôdi! Espantano urubano –ih rapar e agora? Já sei... bora aqui tomar uma branquinha pra esquentar a moringa e depois tu verte um terno meu e calça o cassapa do meu irmão. Voltei pro samba, mas já era madrugada o pessoal já tinha ido um bocado pro trecho, as miau tudo chocha, não arrumei foi nada, só me lasquei, de manhã foi que vi o escramelado no juei, isso que é passar rasgano. Fiquei morgado até tarde e pra pegar a quiçaça de volta foi aquele aperrei (DAMÁZIO SILVA 2016).

A narrativa acima, apresenta traços característicos do interior do Acre, sem perder a singularidade inerente a cada uma das comunidades rurais com identidades peculiares, principalmente linguísticas.

A temática em pauta ancora-se nos conceitos de “língua” linguagem e Sociolinguística e vale-se principalmente das variações diatópica e diastrática: a primeira está relacionada às diferenças geográficas e a segunda, aos grupos que vivem em comunidade, compartilhando principalmente a comunicação verbal o Caipirismo, os linguajares rurais são exemplos de variações diastráticas ou social.

E em se tratando das expressões linguísticas contidas na narrativa em tela, grafamos cada uma e descrevemos seus respectivos significados. Salientamos que foi dado ênfase nas expressões linguísticas as quais dão sentido lúdico a uma situação desagradável, o contador do caso mesmo sendo semianalfabeto conseguiu articular seu senso de humor ao poder das palavras comuns ao seu grupo social para expressar um enredo engraçado.

Bakhtin e Voloshinov, (1997), Saussure (2001), Fiorin (2012), Martelotta (2008) e Ranzi (2017), asseveram que a “língua” é essencialmente social, mutante heteróclita e heterogênea. Coadunam que sua concretude ocorre de acordo com as necessidades dos falantes. Na mesma linha, Sousa e Lima (2019), corroboram que a “língua” segue na esteira da diversidade geográfica, classe social, sexo, idade, grau de escolaridade, segmento profissional, etc. Seguem dizendo que cada forma de comunicação deve ser valorizada sem preconceito linguístico porque a interação decorre de construtos sociais, os quais estão intimamente relacionados, ao contexto histórico, geográfico, político-econômico, imprescindíveis na realidade de cada indivíduo, sendo materializada num ato coletivo.

A narrativa em questão retrata o linguajar que revela a “acrianidade” constituída sob diversas perspectivas identitárias e, neste caso, impregnada dos saberes dos povos da floresta da comunidade Campo Osório, embora a imensa maioria de seus moradores seja constituída de analfabetos e semianalfabetos, fica claro o domínio de seus falares entre si, além da capacidade de interação com demais falantes da língua portuguesa, mesmo não tendo domínio da Norma

culta da língua conseguem interagir naturalmente, fato que é inerente aos falantes de um mesmo idioma.

5 RECORTES DAS ENTREVISTAS COM MORADORES DA COMUNIDADE CAMPO OSÓRIO

Nesta seção, tencionamos dialogar acerca das expressões linguísticas dos povos da floresta (Comunidade Campo Osório), com pessoas que nasceram e vivem ali até os dias atuais. A elas atribuímos nomes fictícios afim de manter o anonimato e a ética na pesquisa.

Zefa – tenho 74 anos, nasci e me criei nessa redondeza, só sei assinar meu nome verde minina iscutu meus pais e toda vizinhança falar assim. Sobre essas palavras do causo do Damásio, eu conheço quase todas, só tem algumas que não é do meu tempo. Se você tirar um ano pra gravar o que esse povo diz dá um livro grande por que aqui eles inventa tanta coisa (risos), ah eu gosto as conversa fica mais legal tem muito o que dizer né? O povo da cidade é chei de riquifiques, acha que a fala daqui não é boa, mas pra nós é uma das melhor coisa pode acreditar que se a gente compreende as mensage e dá conta de responder pra mim é o mais importante de tudo numa língua. Fonte: (Entrevistada 1)

A fala de dona Zefa retrata a diversidade linguística trazida por Sousa e Lima (2019), situando os dialetos no tempo e no espaço. O Regionalismo linguístico simboliza amplamente a pluralidade linguística pois compreende a interação social primordial para os indivíduos que compõem cada comunidade. Vê-se que os aspectos cultos da Língua Portuguesa não são uma preocupação de dona Zefa, já a comunicação é um elemento central por ela tematizado. Não buscamos com isto, invalidar a Norma culta da língua, no entanto, suscitar pedagogias que estimulem a autorreflexão sobre a importância de compreender o lugar da Norma Popular e Norma Culta e também salientar que não há povo, sem cultura pois, a vida em sociedade caracteriza uma cultura, embora esta, não seja aquela eleita por outrem, mesmo assim, tem seu lugar de centralidade para seus sujeitos sociais e ainda, que as pessoas cultas ou não, “bebem nas duas vertentes” vice-versa, porque os sistemas prescritos distanciam-se da realidade. Sousa e Lima (2019) e Araújo, Pereira e Viana (2020)

Ema – Eu tenho 61 anos, filha de pais rígidos que só bastava olhar, a gente já sabia o rejumo de casa. Nasci e me criei na zona rural depois me tornei professora na comunidade Campo Osório desde novinha. Dava aula até a quarta série do ensino fundamental, hoje estou

aposentada e graduei em pedagogia. Mas vô te falar um negócio! Nunca deixei minha cultura rural para falar bonitinho. O que me importa é saber que a “língua” é semelhante às fômas de fazer sapatos, se encaixa em cada pé se eu precisar falar com o doutor tenho capacidade técnica para debatermos porém se vô trocar ideias com pessoas de pouco ou nem um letramento, não cabe rebuscar palavras por que aqui bom mesmo é correr das crueiras, dançar sem musga, dizer que moças de hoje só não casa com cobra e carrapato porque não sabe qual é o marcho. Nadar na noda, Ta de refugo e outras mais. A fala permeia por toda parte né? Essas são algumas das nossas expressões linguísticas que somam-se àquelas utilizadas no caso narrado pelo Damásio as quais conheço a maioria. (Entrevistada 2)

Note-se que a identidade linguística comum a ambas entrevistadas apresenta-se latente em suas falas, mesmo que dona Zefa não domine a leitura e a escrita, seu linguajar converge em com a fala de dona Ema no sentido dos adereços linguísticos que “tercem o “âmago” da articulação comunicacional, bem como sinaliza certas diferenças em relação a usualidade das expressões linguísticas por homens e mulheres o que ratifica a visão de Martelotta (2008), ao apontar a concepção de “língua” como um conjunto de articulações ancoradas na história, no espaço geográfico e nos costumes dos povos o qual compreende o universo da comunicação verbal na sua totalidade. É, pois uma “vertente” inesgotável que “se espalha, se retrai, se mobiliza e se transforma conforme o contexto social, político-econômico, etc.”

Juvito – Rapáis eu teon 18 ano narci aqui mermo, não estudei mais conheço tudo isso aí que tu falu porque meus pai vive dizeno isso, essas coisa aí do tempo do Bumba: mufumbo, Beju de caco, escramelado e por aí vai. Eu falo assim também só que os jovem tem outros ditados né Eu gosto de dizer que tô virado, duríssimo, só o oro, deu ruim, vou nevar, morgado, sou ligero, velero, agora tu enricou, tem bagagem, tu é liso, passado no ole de peroba, gosta de moagem, e tantas otras. (Entrevistado 03)

Embora Zefa e Juvito sejam analfabetos apresentando falhas gramaticais, supressão de letras e monotongação, ambos conseguem demonstrar uma produção verbal estabelecendo uma interação perfeita entre aqueles que comungam do mesmo linguajar, baseada no aprendizado adquirido em seus cotidianos ao longo da vida como acontece com todas as pessoas, mesmo que em situações multiformes, talvez os prováveis leitores deste artigo, não conheçam muitas destas expressões linguísticas mas certamente notarão o local de fala desta gente que representam milhares de outras que apoiam-se nos

inúmeros arranjos linguísticos para “florescerem” seus “jardins” nas “trilhas linguísticas” regionais.

É relevante destacar que os três (3) entrevistados, demonstram inter-relações semelhantes e peculiares em suas falas, a “língua” majestosamente bela faz emergir diferenças dentro do mesmo contexto, dada sua heterogeneidade. Observe que o caso contado por Damásio Silva, tem bastante relação linguística com as falas dos outros participantes da pesquisa, todavia, percebe-se uma singularidade em cada um deles: nas expressões linguísticas, na performance, nível de escolaridade, gênero e especialmente na relação temporal segundo a diacronia defendida por Saussure (2001).

6 GLOSSÁRIO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA REGIONAL

Enfatizamos que as expressões linguísticas analisadas neste artigo, tiveram preservados seus significados de acordo com a versão dos participantes da pesquisa e de uma das autoras, a qual compartilha do linguajar aqui tematizado. Destacamos que os recursos linguísticos rurais enriquecem o léxico regional com outras formas para “dizer”

Aberturou: segurou a blusa na altura do peito com força e agressividade.

Abri no mundo: correr em disparada.

Agora tu enricou: conotação que expressa situações negativas e contrárias à realidade daquilo que realmente seria enricar. Por exemplo: se um ladrão invade a casa de alguém para cometer assalto e o dono da casa consegue dominá-lo e chamar a polícia diz-se que agora ele enricou.

Aperreio: sofrimento, dor, perturbação, incômodo etc.

As Miau: moças solteiras ~relação comparativa com animais (gatas).

As moças de hoje só não casam com cobra e carrapato porque não sabem qual o marcho: as mulheres jovens não levam em conta o caráter dos rapazes, podendo se frustrar posteriormente.

Atrapalhada: acontecimentos inesperados e indesejáveis, palhaçada, atitude de pessoas mentirosas, de negócios financeiros enrolados.

Botou pra baixo: expulsar da casa.

Branquinha: cachaça.

Buji: emaranhado de cipós envoltos nas árvores que dificulta a mobilidade, em suma, tem as mesmas características apresentadas na expressão mufumbo.

Caçapa: sapato grande em um pé pequeno, calçado frouxo.

Cheba: homem de porte físico pequeno.

Cheia de riquifiques: Cheia de exigências fúteis, gente que se sente superior às pessoas sem escolarização e desafortunadas ou que apresentam outras características adversas.

Chochas: desanimadas, sonolentas.

Chumbo: arma de fogo.

Comigo é no chumbo ou na viana: significa que pessoas que agem assim, não aguentam insultos valendo-se de armas de fogo ou arma branca.

Correr das crueiras: livrar-se dos problemas, não aceitar cantadas de homens enxeridos. Isto porque crueiras são resíduos sólidos da produção de farinha de mandioca, os quais são descartados na natureza e daí surgiu a relação de sentido que as coisas indesejáveis devem ser deixadas para trás.

Dançar sem música: situações difíceis que necessitam ser superadas bruscamente ex: resolver problemas sem as condições adequadas, como acender uma lamparina ou uma vela quando há interrupção na energia elétrica.

Danou-se: problema generalizado, difícil de controlar.

Deu ruim: algo não ocorreu como esperado, subitamente surge situações indesejáveis

Druba: briga, duelo.

Duríssimo: reações improváveis, encarar as dificuldades na raça, ter coragem em arriscar-se.

Emboanceiros: homens que desacatam outros, procuram brigas sem motivos

Ensaboado no óleo de peroba: não costuma pagar o que deve e ainda finge que nunca negociou com seus credores.

Escramelado: machucado, ferimento, pele arrancada por colisão.

Esquentar a moringa: tomar uma bebida alcoólica para ganhar ânimo.

Espantano urubano! Ironia para hiperbolizar o quanto está fétido

Está de refugio: homens solteiros acima de 45 anos de idade, acredita-se que as mulheres não se interessam por eles, os quais vão ficando de escanteio, sendo rejeitados, portanto, refugados.

Falar bonitinho: refere-se seguir a Norma culta da língua.

Feito o Ziza: é também o mesmo que indemoniado.

Ficar ligeiro: ser atento, ter senso de autodefesa, não cair em esparrelas.

Gosta de moagem: pessoas que contam vantagem, supervalorizam tudo que fazem.

Guelelê: lama quase líquida.

Jibóia: réptil, cobra sem veneno, no caso narrado, Jiboia é atribuído a rapazes que são tímidos que procuram namoro apertando as moças durante a dança, característica marcante destas cobras que abatem a presa apertando-a.

Ligado no bagulho: prestando atenção em algo

Limpar o pelo: tomar banho.

Liso: observador, esperto, gosta de aproveitar situações para se dar bem.

Meto brasa: é o mesmo que atirar, disparar uma arma de fogo

Morgado: embriagado e sonolento meio sem se dar conta da realidade.

Mufumbo: mata fechada.

Nadar na noda: ganhar um uma boa quantia em dinheiro

Não arrumei nada: não conseguiu namorar.

Não é do meu tempo: refere-se a fenômenos históricos anteriores à realidade dos sujeitos falantes ou a tempos posteriores a esta realidade, concebida como o intervalo de tempo por eles priorizado.

O doido não abriu foi com nojo: homens que não correm de briga, encaram o duelo sem pestanejar, arrojados, sem tolerância

O furebes não passava um cabelo: furebes significa ânus. Significa que o sujeito está com muito medo, o corpo sofre retração muscular, daí surge o sentido desta expressão linguística.

Oco do mundo: nome dado a uma moradia embrenhada na floresta distante das margens do rio. Alguns seringais amazônicos nomearam uma de suas colocações desta maneira.

Onde já se viu: algo inadmissível.

Pais rígidos: pessoas tradicionais, sem diálogo. Educam os filhos sob pressão causando-lhes medo ao invés de respeito.

Panemas: pessoas que não têm facilidade de conquistar namoradas (os).

Partiu em cima: enfrentou, desafiou, foi para o combate físico.

Passar rasgando: falta de boa sorte, azar, escapar por pouco.

Pegado o trecho: volta para seus lares ou ter ido ao trabalho braçal.

Pegar a quiçaca de volta: ir para seu domicílio, andar a pé em varadouros na Zona Rural.

Redondeza: circunvizinhança, adjacência, proximidade.

Rejume: regime, liderança familiar, modo de conduzir a educação dos filhos

Samba: baile, festa dançante.

Se acaba tudo em beju de caco: não tem mais jeito, quebrar objetos em pequenos pedaços e destruição de algo sob ação do fogo.

Só me lasquei: os planos não saíram como planejados.

Só não se aprochega: não chega perto, não aproxime-se.

Só o ouro: moças bonitas, objetos de boa qualidade, comidas gostosas, etc.

Sou marcho: homem corajoso, não acovarda-se.

Sugigou: segurou firme.

Tem bagagem: pessoas geniosas, preguiçosas, mentirosas, pouco ativas, rancorosas, intrometidas, sem caráter etc. É como se houvesse nestas pessoas uma carga invisível daquilo que está fora dos padrões socialmente preestabelecidos

Tempo do Bumba: muito antigo, algo praticado por séculos.

Terno: qualquer uniforme de roupa: calça e blusa, bermuda e blusa de qualquer tecido sem relação com uso de paletó.

Tô pôdi!: com mal odor.

Trocar ideias: conversar, dialogar, papear, falar sobre o cotidiano, etc.

Um bocado: uma parte.

Urubano: Urubu, aves de rapina.

Veleiro: viver em sentinela sem vacilar.

Viana: faca

Virado no Cróis: possuído pelo demônio.

Virado: chateado, furioso, sem dormir, ter atitudes diferentes do habitual.

Vou nevar: tomar cerveja estupidamente gelada.

Vou te falar um negócio: Surpresa, algo muito relevante para quem fala, expressa novidade.

Assim apresentamos um pequeno ensaio a respeito de uma vasta variabilidade linguística regional acreana, a qual não acontece de forma isolada, mas relaciona-se com tantos outros falares brasileiros. Destacamos a grande relevância em cultivar os dialetos cientificamente, por se tratar da preservação histórica e estimular a cultura dos povos em manter os recursos linguísticos “vivos”.

Percebe-se que as expressões linguísticas, são elaboradas conforme o resultado comunicativo que se quer alcançar, fundamentam-se na razão de significar para grupos sociais envolvidos. Partem da necessidade para a criatividade humanas em trazer significante e significado, como ensina Saussure (2001).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste manuscrito buscou-se analisar e descrever expressões linguísticas que auxiliam na interação verbal de um dos povos da floresta residente na comunidade Campo Osório no vale do rio Yaco / município de Sena Madureira / Acre. Os dados pesquisados permitiram-nos, compreender a realidade dialetal daquela gente, a relevância dos recursos linguísticos regionais utilizados, arguir sob a ótica de grandes autores que versam a respeito da Norma Popular e Norma culta da língua, especialmente da Língua Portuguesa.

Ante o propósito descritivo e semântico, produzimos um Glossário com setenta e cinco (75) expressões linguísticas, selecionadas dentre uma infinidade de outras, para assim, representar o linguajar rural daquela comunidade, contamos com a contribuição de moradores nos agraciando com um a narrativa de gênero textual causo e três entrevistas com pessoas de faixas etária diferentes, objetivando analisar as expressões linguísticas local, numa perspectiva histórica e cultural.

Optamos em entrevistar duas mulheres e dois homens afim de identificar possíveis diferenças existentes quanto a usualidade das expressões linguísticas para salientar que a língua se manifesta coletivamente, porém por sujeitos individuais tais manifestações, apresentam traços específicos do local de fala de cada sujeito, ainda que estejam habituados no mesmo contexto social.

Analisamos também, os aspectos culturais que persistem na valoração da Norma culta da língua em detrimento da Norma popular. Frente a dinamicidade da “língua apresentada por diversos linguistas, depreende-se que deve ter igual relevância, tanto na acepção de Norma popular quanto na acepção de Norma culta, visto que a cultura arraigada num conceito formal, padrão, prescrito e cultuado socialmente, estimula o preconceito linguístico que visa anular quaisquer manifestações de outras formas de falares e saberes no âmbito da comunicação verbal.

Sabemos que o combate ao preconceito linguístico na perspectiva da superação da dualidade linguística, é uma tarefa árdua, pois este tipo de preconceito não recebe atenção como outros tipos de preconceitos. Na esteira do discurso de Lima e Martins (2019), destacamos que a escola é lugar de diversidade cultural, e principalmente linguística, onde devem os educadores trabalhar numa perspectiva de respeito às diferenças demonstrarem na prática o papel da “língua” na sua totalidade com vistas a formar sujeitos, reflexivos, críticos, participativos e inclusivos capazes de propagarem um ensino emancipatório com efeitos benevolentes a toda a sociedade.

Portanto, alcançamos resultados significativos objetivando incitar outras pesquisas no âmbito da variação linguística com ênfase no regionalismo com viés de endossar as discussões acerca destas temáticas de suma importância na desmistificação entre as normas regentes da “língua”. Por isso, faz-se necessário registrar, e discutir as expressões linguísticas, numa visão dialógica privilegiando a versatilidade discursiva ao falante/ouvinte.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. A; PEREIRA, M. L. S; VIANA, R. B. M. **Norma culta, norma popular e ensino de língua portuguesa**. In: Lima, Hudson; Lima, Vera; Pita, Julianne Rodrigues; Soares, Maria Elias (organizadores). *Linguística aplicada: os conceitos que todos precisam conhecer - volume 1*. São Paulo: Pimenta cultural. c. 10. p. 289-318, 2020.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

FIORIN, J. L. **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MORAIS, M. J. **Acreanidade**: invenção e reinvenção da identidade acreana. Rio Branco, AC: Edufac, 2016.

RANZI, PEDRO. **Vamos falar o acreanês**. Rio Branco, AC: Edufac, 2017.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: método e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 23. ed. São Paulo. Cutrix, 2001.

SIAROM, B. S. **Regionalismo, o que é? Conceitos da linguística, literatura e política**. Atualizado em 06 de agosto de 2020. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.r7.com/regionalismo/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SOUSA, J. L; LIMA, L. N. M. Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasília, n. 72, p. 63-83, jan./abr. 2019. Paulo Epub June 10, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742019000100063. Acesso em: 20 nov. 2020.